

# **ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

## **SUPLEMENTO CIENTÍFICO**

---

**Nº 7 - Março/2006**

## **Editorial**

Outro número do nosso Boletim, questionado posições teóricas e práticas pertinentes ao fazer psicanalítico. Em nossos trabalhos, renovamos o pulsar de idéias e indagações presentes na prática cotidiana, reiteramos a Ética – fio condutor exemplar e fiel. Neste número apresentamos trabalhos e resenhas referentes ao Congresso de Brasília – ABP, espelhando nossa participação.

Boletim Científico com mudanças. Aceitamos artigos de outros autores (que nos interessem no momento), bem como avisos, resumos, resenhas. Artigos ligados à cultura também, dos tempos atuais ou não, mas que reflitam e agucem o olhar psicanalítico. Necessário enfatizar o valor de nossa produção, testemunhando caminhos e lutas.

Ana Lia

## **AVISOS**

**CineRio4** – Apresentação do filme “Edifício Máster” seguida de debates com a presença da cineasta Cristiana Grumbach.

Dia: 28/03/2006

Horário: 20:00 hs

Local: Sede da APERJ

### **COORDENAÇÃO DE ENSINO DE PSICANÁLISE**

*Comunica que se encontram abertas as inscrições para*

### **FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Curso destinado a MÉDICOS e PSICÓLOGOS graduados ou ESTUDANTES no ultimo ano

SISTEMA DE FORMAÇÃO PERMANENTE

- **XXVI Congresso Latinoamericano de Psicoanálisis**

El Legado de Freud a 150 años de su nacimiento

Lima-Perú, Octubre 05-08, 2006

Maiores informações: [www.fepal2.org](http://www.fepal2.org)

## CineRio4 – sobre o filme

### Janela da alma

Discorrer sobre um tema universal muitas vezes pode ser um artifício para conseguir prender a atenção de seu interlocutor e trazer identificação entre o emissor e receptor. A empatia com o assunto abordado somente acontece por termos algo em comum com as estórias e dramas contados. João Jardim e Walter Carvalho sabem disso e utilizaram muito bem este recurso ao montarem o filme *Janela da Alma*, cujo subtítulo é Um filme sobre o olhar. Privilegiando depoimentos semelhantes, mas não iguais, os dois diretores nos apresentam a versão do que é o olhar, segundo a ótica de seus ideais.

De um total de 50 entrevistas, com pessoas famosas, outras nem tanto e totais desconhecidos do público, eles constroem uma narrativa inteligente e totalmente legível para um público tão amplo, que a platéia poderia ser brasileira, alemã ou francesa, e o resultado seria o mesmo.

O melhor de tudo é que os dois diretores não deixam esta característica se tornar um defeito em seu filme. Sem se tornar cansativo, o filme vai se compondo com estórias e histórias entrelaçadas e muitas vezes complementares, nos dando uma verdadeira lição de como se fazer um excelente filme.

Com 36 horas de material bruto, total de horas gastas com entrevistas, Jardim e Carvalho passaram 450 horas na mesa de edição, ao longo de um ano inteiro, tentando encontrar a linha mestra do filme, achar uma solução para o enorme mosaico que conseguiram captar.

Na versão final, que chega aos cinemas, vemos 19 pessoas, como o cineasta Win Wenders, o neurologista e escritor Oliver Sacks, o músico Hermeto Pascoal, o escritor português José Saramago e o vereador de Belo Horizonte Arnaldo Godoy, todos eles com diferentes graus de deficiência visual, seja ela a pequena miopia ou a cegueira total, falando de seus dramas, de suas vidas e de como a visão se encaixa nestas histórias, de como ela é importante na inclusão pessoal no mundo e de como o mundo acaba moldando esta visão.

A visão destes dois diretores nos mostra que nossa visão é antes de tudo uma questão cultural, sendo influenciada mais pelo mundo que nos cerca do que por dados ou defeitos naturais. Vemos o que nos é imposto, nos é dado.

Muitos dos depoimentos são repetição de discursos, de visões tiradas da filosofia, da psicologia, da oftalmologia, de Platão, de Da Vinci, mas ao vermos os entrevistados falando, sobre suas formas de ver o mundo, e o ver, temos um novo quadro, pintado com delicadeza e personalidade, com o tal do enquadramento que Win Wenders tanto diz ser necessário para ele.

*Janela da Alma* é um dos poucos documentários que conseguiram a façanha de se tornarem queridos da crítica e do público. Com mais de 90 mil espectadores, desde que foi lançado na cidade de São Paulo no final de julho, o filme vem superando as expectativas dos responsáveis pela distribuição do filme, para a alegria dos dois diretores, que sofreram um bocado para vender a idéia do filme, tanto para as empresas que patrocinam o filme, quanto para os entrevistados.

□.

---

**Thiago P. Ribeiro**

### FICHA TÉCNICA

#### **JANELA DA ALMA**

Brasil – 2001 - Documentário - 73 minutos

**Direção:** João Jardim e Walter Carvalho

**Roteiro:** João Jardim

**Direção de fotografia:** Walter Carvalho

**Montagem:** Karen Harley e João Jardim

**Distribuição:** Copacabana Filmes

## Edifício Máster

Liandro Lindner

"Edifício Máster e a realidade urbana de cada dia Um prédio como outro qualquer. Com o mesmo cotidiano, os mesmos tipos, as mesmas focas e a mesma rotina de tantos outros, espalhados por todo o país. De um roteiro banal o diretor Eduardo Coutinho (Cabra Marcado Para Morrer (1986), Santo Forte (1997) e Babilônia 2000 (2000) entre outros trabalhos) consegue extrair um retrato da diversidade de tipos de vida que formam o coletivo do brasileiro. Através de sucessivos depoimentos de moradores de um prédio em Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro, vai se desenhando um pouco do universo diferente e diverso que estamos incluídos mas nem sempre percebemos. Quase impossível não se identificar em alguns deste depoimentos ou não identificar algum vizinho, parente ou conhecido. Esta iniciativa prova que através de boas idéias e baixo orçamento, também se conseguem fazer bons filmes. Durante uma semana a equipe acompanhou o cotidiano dos moradores do Edifício Máster, situado a uma quadra do mar no outrora boêmio e hoje violento bairro de Copacabana- um dos mais belos cartões postais do Brasil. O prédio tem 12 andares e 23 apartamentos por andar. Ao todo são 276 apartamentos conjugados, onde moram cerca de 500 pessoas. Eduardo Coutinho e sua equipe entrevistaram 37 moradores e conseguiram extrair histórias íntimas e reveladoras de suas vidas. O filme ganhou o prêmio de Melhor Documentário, no último Festival de Gramado e teve sua estréia em outubro na 26ª Mostra BR de Cinema, em São Paulo. Diversos sentimentos desfilam durante os depoimentos, ilustrando as diversas maneiras humanas de lidar com situações, hoje quase inevitáveis da vida, nas quais a maioria das pessoas estão submetidas como a velhice, a solidão, o desemprego e as responsabilidades. Os caminhos para enfrentamento destas questões se ilustram nos rostos e nas vozes dos moradores quando contam suas próprias histórias. A garota de programa, de 20 anos que é mãe desde os 14, descortina a realidade deste mundo tão discriminado quando afirma que recebeu no primeiro programa mais do que ganhava trabalhando um mês e "gastou tudo com a ilha numa tarde no shopping." O casal homossexual feminino, fala da divisão de tarefas domésticas e a espanhola radicada no Brasil há quatro décadas reclama do jeito "reclamão e vagabundo" dos pobres que não querem se submeter a disciplina e ao esforço para reverter suas situação. Na narrativa não falta um ex-ator global, 73 anos de vida, 30 novelas e 60 filmes, aposentado após um acidente com uma espoleta que lhe tirou a audição e chama a atenção o depoimento do casal sexagenário que se conheceu através de anúncios de um jornal. A solidão e a opressão das grandes metrópoles fica estampada na maior parte dos depoimentos. Por diversas vezes pensamentos de suicídio são relatados, além de amargos depoimentos sobre os incômodos de se viver na aglomeração, ouvindo a intimidade dos vizinhos " que invadem os apartamentos pelas janelas". Este sentimento fica mais claro no depoimento da jovem professora de inglês, que fala de lado sem encarar a câmera, e se sente "feliz", quando consegue descer no elevador sozinha, sem a necessidade de conviver com estranhos por aqueles poucos momentos. A situação econômica do país também é retratada na forma que os moradores encaram o desemprego, na perspectiva de vida futura, nas contas para pagar, nos relatos de violência que ofusca a beleza do Rio de Janeiro e nas ações enérgicas empreendidas pela administração do prédio para garantir "dignidade e decência" aos moradores. Intercalando os depoimentos, há cenas filmadas nos corredores do Máster. A de um menino, morador do condomínio, que recolhe um gato perdido no corredor e bate na porta para devolvê-lo à dona é muito bem feita e revela que a solidariedade também esta presente, mesmo onde a vida solitária impera.. Uma grande parte universo, que se mostra nos apartamentos, é visto através das janelas, fazendo uma associação clara com Janela Indiscreta, de Alfred Hitchcock. Na vida individualizada e compartimentalizada das grandes metrópoles, uma riqueza e uma diversidade de formas de encarar o mundo, a existência e as coisas se escondem. Este trabalho, além de trazer a luz esta realidade nos remete a lembrança que nos cubículos produzidos pelo capitalismo, existem pessoas com histórias, sonhos e amarguras. Não muito diferentes das que estamos acostumados a conviver nas portarias, escadas, elevadores ou reuniões de condomínio, mas muito raramente mostradas nas telas dos cinemas."

## **Notas sobre "Study on Terror and Political Violence"**

Miguel Sayad

"Esta contribuição para a história de um povo é desenvolvida como uma aplicação da psicanálise à organização social de um povo."

" nós não podemos permitir qualquer reflexão que induza-nos colocar a verdade de lado, em favor do que é suposto ser o interesse nacional"

Freud. Moisés. SE. XXIII

### **Simpósio organizado pela SBPSP para conferencias dos membros do comitê da IPA: "Study on Terror and Political Violence", realizado em 05/06 Agosto de 2005 em São Paulo.**

Foram 4 conferencias:

Sverre Varvin, (Noruega) s/ trauma , humilhação, vergonha, perda e dor: uma perspectiva histórica.

Werner Bohler, (Alemanha) s/ trauma extremado, colapso da civilização e as conseqüências duradouras para indivíduos e sociedades.

**Geneviève Welsh, (França) s/experiência com pacientes do Camboja.**

Abigail Golomb, (Israel) s/ crianças e trauma.

A idéia forte presente, ainda que possa não ter sido mencionada com clareza é o desejo, e a possibilidade, de intervenção prática nas organizações sociais. Intervenção por meio da psicanálise aplicada à organização social de um povo ou nação.

Pelos títulos mesmos pode-se inferir que as duas primeiras conferencias foram expressões mais diretas da tendência de aplicação da psicanálise a situações nacionais.

As outras duas tiveram sua dimensão mais marcante na prática psicanalítica c/ pacientes traumatizados, ainda que pela ação terrorista ou de violência social perpetrada por políticas nacionais.

Por mais pungente e dramático, os relatos de atendimentos de grupos ou crianças traumatizadas, tiveram sentido mais profícuo, neste simpósio, ao ilustrar, ao nível da clínica individual ou de pequenos grupos, os mecanismos de defesa: negação, silêncio e fuga da realidade pelo medo do saber, mecanismos análogos ao que, conjecturamos, se manifestam como bases de sustentação de políticas, crenças e mitos nacionais e, mesmo em foros internacionais de discussão como a ONU.

Em todos, ainda que forte a denuncia e a revolta contra os maus, (e aí a homogeneização, a unanimidade que se alcança tem valor apenas para a abreação e é de alívio apenas para os participantes e contribui para uma espécie de reflexão amorfa e inócua, que, capenga, que não vai longe), a preocupação dominante foi o que fazer depois que acontece a tragédia.

**O que podemos fazer para, de alguma forma, alterar as condições nacionais e internacionais que contribuem, ou mesmo determinam, embora ao mesmo tempo anunciem, o próximo trauma extremado? Este é um campo de ação que se abre para a participação da psicanálise no esforço atual entre as nações em busca da paz e justiça em um mundo em guerras.**

É minha impressão que a APERJ pelo seu interesse originário, e que marca como uma cicatriz de nascença seu corpo institucional, deveria, tal como uma vocação a ser desenvolvida, se envolver nesta ação internacional.

### **Sobre minhas reflexões**

Estas minhas notas são, sem qualquer dúvidas, alimentadas e derivadas das apresentações, se bem que sejam comprometidas e deliberadamente engajadas ao meu ponto de vista não só do método psicanalítico, como de meu ponto de vista pessoal a respeito do terror e violência social.

Aqui não é o amor que cura e não basta ser neutro e indiferente para que a eficiência da intervenção se manifeste.

Não se trata de psicanálise na clínica privada. Estamos num campo muito diferente, muito mais perigoso e agressivo do que o da clínica psicanalítica em consultório.

Entretanto, podemos e devemos tentar intervir com o instrumental e método derivados do conhecimento da natureza humana que adquirimos por meio da clínica psicanalítica. Enfim, aplicar o método e conhecimento psicanalítico para intervir, interferir ativamente, num conflito nacional ou internacional. Porém não há lugar para o Segredo e a Abstinência. Tampouco Indiferença. No entanto a Associação Livre e a Atenção Flutuante ampliam seus domínios.

Uma constante que sempre retornava, em todas as apresentações e suas discussões, mencionada pelos apresentadores e pela platéia: A Palestina.

E é interessante observar e talvez seja um sinal, que a referência e a própria palavra usada sempre foi Palestina e palestinos e nunca Israel ou israelenses, exceto quando nomeadamente tratou-se do terror nazista, mas aí era judeu o termo usado.

Foram mencionados os traumas extremados envolvendo a Alemanha, Turquia, Servia, China, Camboja, Ruanda, Palestina, refugiados e perseguidos pelo mundo afora.

Dois períodos são facilmente reconhecíveis no trauma extremado: 1- opressão política e a libertação, e 2 - vingança, luto e reconciliação.

(Nós sabemos que ao nível de Estado tem sido criados Comitês de Verdade e Reconciliação, com resultados a princípio bastante estimulantes. Esta é uma questão da maior relevância de ser desenvolvida: Verdade e possibilidade de reconciliação em contraste com perdão e punição. Ex. África do Sul e Peru.

Mr. Varvin apontou a partir de suas observações que a questão essencial para a possibilidade de irrupção e continuidade da ação que gera a opressão de Estado e o trauma extremado é o "ninguém se importar". Exp.: Ruanda e os 100 dias de matança

dos Tutsis; o holocausto etc..... . Ninguém aqui, é a comunidade internacional, cuja representação sem poder, é a ONU.

Acrescenta-se na perspectiva de Mr.W.Bohleber a indiferença e a narcotização da consciência que leva a uma desidentificação com nosso semelhante de raça. Humana. Quando a identificação de raça humana é negada, o é as custas de uma deificação de um aspecto parcial da raça humana. Cor, etnia, costumes e hábitos. Esta é uma reflexão minha.

Ele alinhavou algumas conseqüências do trauma extremado:

1 – Desamparo e desesperança com regressão.

Os episódios do trauma irrompem como 'flashes' súbitos e desorganizadores, elementos incidentais e estranhos, ao invés de poderem ser elaborados por meio da conversa, rememoração e busca da verdade. O sujeito fica muito propício a desenvolver memórias encobridoras, que no interjogo com a propaganda de interesse nacional, tornam-se fortes resistências à história autêntica e verdadeira.

2 – Integração do trauma.

Dar-se-ia pela elaboração do trauma por meio de solução do conflito entre a memória traumática e as solidárias memórias encobridoras versus a necessidade de saber. Não é apenas entre os perpetradores, mas entre as suas vítimas e testemunhas também, o forte esforço de não querer saber, e mesmo de falar sobre o acontecido. Ex: Nazistas e suas vítimas, os sobreviventes da grande fome na Irlanda, ...

3 – Reconstrução da Verdade Catastrófica.

O trauma fica gravado fidedignamente na memória e pode expressar-se em nítidas imagens visuais que devem ser compartilhadas, algo que tem um elemento importante de abreação, mas não só.

As memórias traumáticas ficam encapsuladas, a espera de condições ambientais que tornem possível romper este encapsulamento. O reconhecimento aqui da responsabilidade do mundo exterior, portanto não projetivas, é fundamental.

Ao nível do Estado corresponde à importância essencial da visão e atitudes concretas apresentadas à nação e comunidade internacional pelo Governo.

É observado, tanto entre os perpetradores das atrocidades como em suas vítimas, na fase de luto e reconstrução das vidas pessoais dilaceradas, um comportamento sustentado pelo silêncio e tentativa de esquecimento do ocorrido, uma atitude 'de não querer saber' e de forte resistência à conversas sobre o ocorrido, o que gera uma peculiar herança transgeracional ao nível pessoal, e políticas nacionais que ficam ciclicamente tendendo a repetir o terror e a violência de estado.

Constituem-se visões históricas nacionais fundamentadas em fantasias exacerbadas sobre as origens dos conflitos, muitas vezes verdadeiros mitos nacionais de origem heróica, e que sustentam políticas nacionais baseadas em fantasias grandiosas ou de identificação com o bem supremo da humanidade, e que tornam justificadas aos olhos de seus cidadãos a ação violenta para debelar o Mal ou purificar o estado identificado com o Bem.

Há uma exploração da economia psíquica do traumatizado de modo que a memória traumática do fato ocorrido, (sepultado em silêncio e mantido no misterioso reino do desconhecido), se amalgama com os mitos históricos-religiosos da nação e, por uma

espécie de deslocamento, estes passam a ocupar o lugar da verdade histórica sobre o evento recente ocorrido.

E os indivíduos, identificam-se, projetando seu eu ideal em seus líderes, (governantes, teóricos ou religiosos), que por sua vez já são representações de representantes míticos deificados ou do próprio Deus, e são, por estes levados a reconhecerem como verdade a memória traumática dos acontecimentos de que participaram, alienando-se do conhecimento da realidade sobre o evento ocorrido recentemente e que os envolveu pessoalmente e não como representantes de qualquer mito histórico nacional.

É como se fosse uma despersonalização (desumanização?) da própria experiência pessoal recente, em prol da sustentação de um mito de origem.

Freud, antes da guerra, já experimentava um ambiente social marcado por uma política nacional dominada pela fantasia mítica de grandiosidade e pureza, em grande exacerbação desenvolvida para fins políticos opressivos.

Esta exacerbação foi provavelmente facilitada em decorrência do trauma pela derrota e condições humilhantes da rendição ao fim da primeira guerra mundial.

Freud então, escrevia, que as delusões devem seu poder devido ao elemento de verdade histórica que contem e que vem do reprimido e esquecido passado infantil. 'Construções em Análise'. ES.XXIII p.267.

Assim, podemos concluir que a idealização e reificação de um mito, no âmbito de uma nação teria a função de justificar políticas sustentadas pelo esquecimento, repressão e a negação, com o conseqüente medo ao conhecimento.

#### 4 – Tratamento dos filhos dos pais que passaram pelo trauma extremado:

##### A – Filhos dos pais do Holocausto

Observa-se uma espécie de identificação direta dos filhos com a memória traumática dos pais. Total e como por um sentimento de obrigação inconsciente. É a história de um outro projetada na criança como um corpo estranho com o qual ela se identifica. É uma identificação imediata e não como conseqüência de uma repressão. O passado e as versões traumáticas dos pais e seus mitos nacionais, se misturam, amalgamam-se com o presente dos filhos levando a uma falta de sentido da própria vida destes, exceto o sentido de dar continuidade ao trauma de seus pais. Estas considerações foram desenvolvidas por Dr.Bohleber tendo como referência "os filhos do Holocausto".

##### B – filhos dos pais Nazistas

Semelhante às vítimas, embora eu acredite que com muito mais intensidade, há como que um pacto de silêncio. Histórias não silenciadas que levam toda uma geração a perder a capacidade de refletir sobre a própria história.

#### Notas decorrentes da participação da platéia.

Tornou-se consensual nas discussões posteriores às apresentações, que o elemento fundamental para fazer frente ao trauma transgeracional e seus riscos inerentes: aprisionamento na experiência traumática (seja pela continuada vitimização, ou alienação ou ainda, pela inversão do papel traumático) sustentada pela forte tendência de manutenção de uma cortina de silêncio, seria falar sobre os fatos ocorridos e as teorias mantidas decorrentes da memória traumática encapsulada. Isto é, buscar a verdade

histórica e compara-la com o que ficou na memória traumatizada e suas teorias explicativas.

Neste sentido o reconhecimento público, institucional e governamental, é peça fundamental para a elaboração do trauma extremado.

O valor determinante seria a retomada do contato com o passado traumático e sua memória através da fala e não sua interpretação.

Foi no Congresso de Hamburgo em que pela primeira vez se abordou a psicanálise de um filho de nazista. E, tal como depoimento do colega que relatou o episódio, o conflito da lealdade com o pai não pode ser solucionado. O analisando fixou-se de tal modo à imagem do pai da infância, que nunca pode se falar do pai adulto nazista.

### **Comentário Final**

Para terminar, gostaria de acrescentar, sugerir, algumas linha mestras para a abordagem da questão da violência social e o terror de Estado ou entre as nações.

Eu acho que a questão básica nestas apresentações, como foi colocada por Mr. Varvin: "O que fazer depois?" Tem seu vértice e atualidade constante, nos últimos 50 anos, condenada na Questão Palestina. Esta é uma questão paradigmática para o entendimento do terror e violência social no mundo contemporâneo, pois é determinada pelo que poderíamos talvez considerar uma memória traumática que é explorada, por políticas de Estado, por meio da perpetuação de uma mitologia histórica. Um mito que se enraíza no início dos tempos.

Boa questão esta. Início. O início pode ser sempre agora.

De certa forma, podemos considerar o velho testamento, particularmente a Torah, e IHVH (Yahweh), como os fatores de fundação do mito de origem de um conflito que se prolonga até hoje, e que hoje é corporificado em uma situação moderna e concreta, como se ali residisse o núcleo, o cerne, do desentendimento entre os povos, e que se expõe como questão crucial na política internacional contemporânea.

Portanto, talvez, estudar psicanaliticamente o conflito na Palestina hoje, seja uma via privilegiada para a intervenção na, e compreensão da, Violência Social e Terror entre as nações, na busca de contribuir para o entendimento pacífico entre os povos.

Rio, 14 de Outubro de 2005

Miguel Sayad

## **TRABALHOS**

- **A SEDUÇÃO DA VIOLÊNCIA**  
Lindemberg Rocha
- **MOÇÕES PULSIONAIS: CONCEITO E VICISSITUDES**  
Luís César Ebraico
- **O SENTIMENTO DE IMPOTÊNCIA**  
Sheiva Rocha

## A sedução da violência

Lindemberg Rocha

Começo me lembrando e nessa lembrança encontro alento.

A lembrança de uma citação ouvida no Congresso da Ipa no Rio, que é a seguinte: “Não escrevo sobre o que sei , mas , sobre o que gostaria de saber.” (1)

O proposto para o nosso encontro aqui foi tentar entender as relações entre violência e sedução.

De inicio a violência. Não é fácil falar sobre ela, pois dela mesmo se quiséssemos não poderíamos nos esquecer, tal é o bombardeio da mídia, as ocorrências com familiares, amigos pacientes etc. Estamos a ela expostos na forma concreta ou imaginária a um ponto que ofusca o nosso entendimento. Excessivamente próxima dos olhos para que possamos distingui-la com a clareza da razão.

Não há como dela escapar, essa violência que vem do mundo externo e sobre a qual se escreveu e se escreve copiosamente.

Sabemos porem que ela repousa sobre uma outra, a interna.

Mas certamente o exame da passagem da violência interna para a externa nos coloca frente a complexas questões metodológicas. Embora Freud tenha afirmado ser impossível saber quando termina a psicologia individual e começa a social, nem por isso a passagem conceitual se faz de uma forma simples, óbvia. (2)

Para lidar com as questões que a analogia entre o desenvolvimento individual e o processo da civilização humana apresenta, Freud, postula que ambos os processos partilham da mesma característica: são processos vitais. Afirma que o processo civilizatório constitui uma modificação que o processo vital experimenta sob a influencia de uma tarefa que lhe é atribuída por Eros e incentivada por Ananké, que é unir indivíduos isolados em uma comunidade ligada por vínculos libidinais. (3)

Levando a sério essa observação, começaremos lançando mão de uma produção incessante da cultura, que de uma forma poética faz esse elo íntimo entre o individuo e a coletividade. Os mitos.

De inicio, um mito bíblico. Quando Deus pergunta a Caim, onde está o teu irmão Abel? Responde ele – Por acaso sou o guarda do meu irmão?

Não é para a ousadia da mentira que eu quero chamar a atenção, mas, para a origem desse primeiro assassinato.

Por que Caim o praticou?

Conta a Bíblia que, aconteceu de Caim oferecer ao Senhor os frutos da terra e Abel as primícias do seu rebanho.

Deus olhou para Abel e para suas ofertas. Nem um olhar para Caim e seus presentes. Deus negou a sua presença, o matou virtualmente, assim como o produto do seu suor – os frutos da terra. Isso o enfureceu.

Fica claro aqui o intercambio interno – externo. É apenas esse inter-jogo que quero ressaltar. Não há o intuito de afirmar que a violência é sempre a resposta a uma outra violência. Não há a idéia de negar a pulsão de morte, ou seja, negar uma violência primária, constitutiva do ser humano.

Mas voltemos á trilha dos assassinatos míticos onde encontramos a morte do Pai Primevo.

No inicio era o Verbo diz o Gênesis. No inicio era o ato, diz Freud. (4)

Nem sempre se atenta que com essa afirmação, Freud, nega a teoria criacionista, religiosa e assume o evolucionismo Darwiniano. Troca o verbo divino pelo assassinato do Pai. Matando ele próprio o Deus-Pai, coloca nas mãos dos homens a passagem da Natureza para a Cultura através de um assassinato mítico. É a morte de Deus e a introdução da Razão como principal instrumento válido para a compreensão da trajetória da humanidade. E do homem. É o triunfo do Iluminismo.

È por esse motivo que: "O único discurso capaz atualmente de reivindicar a coisa da crueldade psíquica como seu assunto próprio é a psicanálise, é ela que sem álbi teológico ou outro se voltaria para o que a crueldade psíquica teria de mais próprio."(5)

Freud como autêntico filho do Iluminismo atribuiu á Razão uma plena capacidade de explicação para o fenômeno humano. Entretanto, no final da vida teve que se confrontar com uma das "doenças" da Razão frente á qual a própria Cultura tornou-se impotente. A destruição em massa no holocausto era feita ao som de música clássica e citações do seu tão apreciado Goethe.

Como já lembrou Arendt, o exercício da violência, da crueldade, no holocausto e logo em seguida em Hiroshima e Nagasaki colocou em questão o próprio valor da Cultura. Somos incitados a compreender a razão da desrazão. Não mais a desrazão do individuo, mas agora da própria sociedade. Não do um, mas do todo. Como diz ela: é o uso da razão que nos torna perigosamente "irracionais", pois esta razão é propriedade de um "ser originariamente instintivo."( 5a )

È pensando nesses fatos e na experiência em acompanhar o julgamento de Eichemann, que Arendt formula o seu conceito de banalidade do mal. ( 6)

Nessa sua empreitada conclui que a origem do mal é a incapacidade para pensar. Certamente não é aquele pensar que permite solucionar uma intrincada equação matemática ou compreender um complexo sistema filosófico. É a outro pensar que ela se refere. É provável que seja o pensar que abre espaço para o esquecimento da consciência de si, com isso permitindo abrigar o diferente dentro de si mesmo. Diferente necessário para a construção da própria identidade.

O que ultrapassa a violência física do holocausto, das bombas atômicas, é a violência simbólica. A que leva o indivíduo a se perguntar se depois de tudo isso se justifica por exemplo escrever um poema, ler um livro, etc.

A percepção de um estado de violência está á flor da pele e fica evidente na conversa com qualquer habitante das pequenas cidades, quando desmontam o nosso desejo de singularidade ao dizermos por exemplo – no Rio de Janeiro a violência não tem mais lugar dia ou hora, e nos respondem calmamente „... *está assim em todo lugar*. Ou seja, não falamos mais em atos de violência mas em *estado de violência*.

Estamos sempre temerosos de que ocorra conosco o que aconteceu em Nova Orleans após a passagem do furacão. Como já se escreveu, não houve um simples colapso da lei e da ordem, mas, de repente, lei e ordem desapareceram como se nunca tivessem existido. (7) Vivemos um medo de que a barbárie esteja chegando, não mais como um antídoto para o excesso de ordem de uma civilização entediada, mas como algo meramente destruidor. (8 )

A pós-modernidade, se caracterizou pelo império da economia global e totalitária que tudo abarca, assumindo o lugar da política, da ideologia, das artes, da ética. Com o seu predomínio, ruíram todos os princípios, valores, parâmetros que nos últimos dois mil anos informaram e co-formaram a cultura ocidental. (9 )

Uma pergunta simplória. Quando se baixa o preço de algum produto? Só quando o preço menor trazer mais lucro.

Essa onipresença da economia, com a transformação dos atos violentos em estado de violência, não só violência física mas também simbólica, estaria a indicar um fim de um período histórico, não nos deixando antever nesse terceiro milênio se alguma ética será possível, alguma política ,alguma ideologia. Talvez surjam novos pré-socráticos ,Zaratustras, etc.,que possam iluminar o nosso percurso.

Em sua carta a Freud, Einstein, (10) após considerar que apenas as maquinações das classes dominantes seriam incapazes de levar os homens a oferecerem suas vidas no altar da pátria, conclui que isso só é possível porque o homem encerra dentro de si um desejo de ódio e destruição. Pergunta a Freud, "é possível controlar a evolução da mente do homem, de modo a torna-lo á prova das psicoses do ódio e da destrutividade ? Certamente não é através da educação, da cultura pois, a experiência demonstra que são exatamente os chamados intelectuais os mais inclinados a ceder a essas desastrosas sugestões coletivas."

Em sua resposta, Freud concorda com as observações de Einstein propondo-se apenas a amplia-las.

Lembra porem que a lei surge da violência, ou ,uma lei só é cumprida,só funciona, se houver uma violência que a garanta .Por isso delegou-se ao estado o monopólio da violência, sem duvida, após a constatação de que é impossível substituir a força real pela força das idéias.

Ao falar da teoria das pulsões – Eros e Tanatos, Freud tem o cuidado de lembrar que os dois são igualmente importantes. Um depende do outro, não cabendo juízo ético de bem e mal. Dessa forma é impossível eliminar as inclinações agressivas de dentro do homem. Ela é parte dele. No máximo podemos tentar desvia-las de tal forma que não encontrem expressão na guerra.

Eisntein pergunta também se não seria possível controlar a evolução do cérebro humano.

Não sabemos até onde a ciência chegará. Nem temos razão para considerar que somos o ponto máximo da evolução, a não ser através de um credo religioso.

Dizem os cientista que o cérebro humano continua evoluindo e que a prova foi a constatação de mutação em um cérebro de vinte mil anos atrás e em outro de cinco mil anos. Chegará a mutação salvadora antes de destruímos o planeta e a todos nós?

E a sedução da violência?

Falar em sedução da violência exige um abrir mão de certo horror que a destruição, a crueldade, a covardia provoca.

Entretanto não cabe aqui juízo ético de bem e mal.

Freud e muitos outros e não só psicanalistas já chamaram a atenção para o positivo da violência necessária na busca de autonomia, de novos caminhos e até mesmo para o ato sexual.

Como não entender a revolta materializada em violência que emerge nos subúrbios de Paris agora? Jovens excluídos, sem horizonte vivendo em torno de uma cidade opulenta?

Eu sei ,é claro que não seria necessário buscar exemplos tão longe.

Uma sociedade que trata injustamente um grande numero de seus membros merece sobreviver?

Qual o tipo de violência que mais nos seduz? A que trabalha a favor de mais poder? A que permite determinar “quem manda em quem?” Ou aquela que discretamente, silenciosamente trabalha no sentido da volta ao inanimado?

A violência que antes de ser uma sedução é uma compulsão?

## **Bibliografia.**

- 1-Manonni,O – Citado por Marcelo Viñar no Congresso internacional da IPA no Rio em 2006.
- 2-Freud ,S.- Psicologia das massas e análise do eu. Edição Standard brasileira O.P.C. de Freud. Vol.XVIII. Rio de Janeiro ,Imago ,1976.
- 3- Freud,S.- Mal estar na civilização. Obras completas de Freud.-Vol. O.P.C. de Freud. Vol. XXI Rio de Janeiro. Imago ,1976
- 4-Freud,S.- Totem e tabu. Edição Standard Brasileira O.P.C. de Freud. Vol. XIII . Rio de Janeiro ,Imago ,1976
- 5-Derrida, J.- Roudinesco,E. – De que amanhã...; Zahar Editores, 2004
- 5ª- Arendt,H- Sobre a violência .Ed.Relume-Dumara -1994
- 6-Arendt,H.- Eichmann em Jerusalém.-um relato sobre a banalidade do mal.Companhia das Letras -1999.
- 7- Bauman,Z – Entrevista para o Prosa e Verso do O Globo,05/11/05.
- 8-Kavafis ,A. Poemas . Tradução, introdução e notas de José de Paulo Paes. - Companhia das Letras – SP.
- 9-Prof. E.Carneiro Leão- A ética da violência .Conferencia na aPERj – Rio 4, em 2004. Gravação
- 10-Einstein,A- carta a Freud em Por que a guerra ? Obras completas de Freud. Vol. XXII .

CURSO DE FORMAÇÃO DE PSICANALISTAS DA  
SOCIEDADE BRASILEIRA DE LOGANÁLISE  
DO RIO DE JANEIRO

**MOÇÕES PULSIONAIS: CONCEITO  
E VICISSITUDES.**

por Luís César de Miranda Ebraico

**PULSÃO<sup>1</sup>: CONCEITO E VICISSITUDES.**

A despeito da polissemia que a maior parte dos termos técnicos e teóricos assume sob a pena de Freud, neste trabalho atribui-se a cada um dos significantes enfocados apenas um significado: aquele que melhor me parece contribuir para a compreensão geral da obra. No desenvolver de seus estudos, cada um terá ampla oportunidade de questionar-se sobre a adequação dessas escolhas.

**Pulsão, ação específica e fonte da pulsão**

A pulsão [ = *Trieb* ] é um processo energético que, originado no soma pelo conjunto de alterações físico-químicas postas em ação pela presença de uma necessidade, penetra no aparelho psíquico com o objetivo primordial de patrocinar uma ação capaz de satisfazer essa necessidade, pondo fim àquele processo até que essa ou outra necessidade novamente se instale .

O mencionado conjunto de alterações físico-químicas denomina-se fonte da pulsão [ = *Triebquelle* ] e à ação capaz de satisfazer a necessidade de ação específica [ = *spezifische Aktion* ].

**Moção pulsional: pressão, meta e objeto.**

Quando a energia pulsional penetra o aparelho psíquico, gera nele uma tendência a produzir trabalho que merece o nome de moção pulsional [ = *Triebregung* ]. Essa moção pulsional apresenta uma pressão [ = *Drang* ], diretamente proporcional à intensidade de tal

---

<sup>1</sup> Ao longo destas linhas, seguindo a sugestão do *Vocabulário* e contrariamente à prática da SE e da ESB, empregar-se-á o termo 'pulsão' e seus derivados como equivalente ao alemão 'Trieb' e seus derivados, reservando-se o termo 'instinto' para traduzir o alemão 'Instinkt'.

tendência; uma *meta* [ = *Ziel* ], equivalente ao tipo de ação a ser executado e um *objeto* [ = *Objekt* ], seja, o ente que é complemento direto dessa ação. Freud faz questão de acentuar que, posto ser impossível para o aparelho psíquico separar-se do soma, a pressão [ = *Drang* ] exercida sobre aquele pela moção pulsional [ = *Triebregung* ] não pode ser eliminada mediante a fuga, mas somente por meio da *ação específica*. É fundamental acrescentar que o principal indicador da gradual transformação filogenética de instinto em pulsão é a maior liberdade dessa última no sentido de variar suas metas e objetos.

Frente a essas definições, fica sem fundamento a afirmação do *Vocabulário*, de que, no entender freudiano, “a moção pulsional situa-se ... ao mesmo nível da pulsão”<sup>2</sup>. Tal proposta só pode ter origem em trechos da obra como o que em seguida transcrevo (na versão da ESB), em que Freud, com seu estilo tantas vezes relaxado, emprega a palavra ‘pulsão’ ( = *Trieb*) onde toda a lógica de seu pensamento exigiria que tivesse empregado ‘moção pulsional’ ( = *Triebregung*) :

“Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um ‘instinto’ [ = *Trieb* = pulsão ] nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em conseqüência de sua ligação com o corpo.” (*Os Instintos e suas Vicissitudes*. ESB, vol. XIV, pág. 142)

Evidente que o fato de, tanto a ESB quanto a SE, terem, respectivamente, traduzido o já mal empregado *Trieb* pelos ainda menos indicados ‘instinto’ e ‘*instinct*’, consegue acrescentar em dificuldade a boa compreensão do original<sup>3</sup>. O título de *As Pulsões e suas Vicissitudes* passaria a veicular melhor a que vem o artigo que encabeça, fosse traduzido como, por exemplo, *Moções Pulsionais e seus Destinos*<sup>4</sup>.

### As quatro vicissitudes das moções pulsionais

Freud, quando se decide a explicitar a razão pela qual optou por redefinir o conceito de psíquico, afirma tê-lo feito em vista da falta de praticidade teórica de se equacionar o psíquico com o consciente. Essa ‘falta de praticidade’ consistia em que o novo conceito de psicológico abria espaço para a construção de um **explanans** teórico capaz de incluir como

---

<sup>2</sup> “La motion pulsionnelle se situe donc, selon Freud, au même niveau que la pulsion”. (LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B.). *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris: PUF, 1968, p. 259.

<sup>3</sup> „Wenn wir uns nun von der biologischen Seite her der Betrachtung des Seelenlebens zu, so erscheint uns der ‚Trieb‘ als ein Grenzbegriff zwischen Seelischem und Somatischem, als psychischer Repräsentant der aus dem Körperinnern stammenden, in die Seele gelangenden Reize, als ein Maß der Arbeitsanforderung, die dem Seelischen infolge seines Zusammenhanges mit dem Körperlichen auferlegt ist.” (GW, vol. X, s. 214)

<sup>4</sup> Note-se, além disso, que, em português, o significado do termo ‘vicissitude’, se encontra mais próximo da neutralidade axiológica do termo alemão ‘*Schicksal*’ do que o do vocábulo inglês correspondente, que, nessa língua, tem um matiz mais pejorativo. Nosso Aurélio, por exemplo, nos dá para ‘vicissitude’ três significados sem conotação valorativa – “1. Mudança ou variação de coisas que se sucedem; alternativa. ... 2. Eventualidade, acaso, contingência, lance. 3. Mudança, transformação, alteração.” – para só depois, num quarto e penúltimo sentido, associá-lo a algo negativo – “4. Acidente desfavorável, revés”.

seu um **explanadum** muito mais amplo – comportamentos saudáveis, sintomas psiconeuróticos, parapraxes, produtos culturais etc – do que permitia o conceito anterior.

Quando categoriza apenas quatro operações psicológicas como vicissitudes das moções pulsionais, é ele, Freud, todavia, que peca por falta de praticidade conceitual. Com efeito, os processos – investimentos, desinvestimentos e contra-investimentos de representantes topográficos – que subjazem às quatro operações por ele privilegiadas – *recalque*<sup>5</sup>, *sublimação*, *transformação em seu contrário* e *retorno sobre a própria pessoa* – são essencialmente os mesmos que subjazem a outros fenômenos como a execução da ação específica, o deslocamento, a projeção, a conversão, o isolamento, a formação reativa, a anulação retroativa etc.. Em outras palavras: Freud está propondo – como se fizera anteriormente a ele com o conceito de psíquico – um **conceito excessivamente estreito de ‘vicissitude’**, que faz menos, explicativamente, do que poderia fazer.

Para que possa dar o melhor de si, o conceito de ‘vicissitude’ deve ser mais abrangente, compreendendo um **explanandum** referente a *“toda e qualquer alteração sofrida pela moção pulsional em seus caminhos no interior do aparelho psíquico”*. Conseqüentemente, as quatro ‘vicissitudes pulsionais’ apontadas por Freud, serão abordadas aqui dentro de um quadro mais amplo, onde podem encontrar também seu lugar outros mecanismos, como os já mencionados deslocamento, conversão, formação reativa etc..

Antes, todavia, de avançarmos com esse enfoque, cumpre que estejamos municiados de (1) uma crítica metateórica e de (2) alguns comentários sobre os conceitos de ‘representante’ (= *Repräsentanz, Repräsentant*) e de ‘representação’ (= *Vorstellung*).

### A crítica metateórica

‘Metateoria’ é o conjunto de parâmetros a que nos propomos a coerentemente obedecer ao longo da construção de uma determinada teoria. No sentido mais estrito – e mais útil – do termo ‘positivismo’, é positivista uma teoria – como, por exemplo, o *behaviourismo* clássico – que, por exigência de sua metateoria, trabalha apenas com DADOS PASSÍVEIS DE SEREM DIRETAMENTE OBSERVADOS. Nesse sentido, portanto, a Psicanálise é tudo, menos positivista. Com efeito, entidades observacionais, em Psicanálise, fazem necessariamente parte de seu **explanandum** (= o que deve ser explicado), nunca de seu **explanans** (= o que explica) e toda vez que Freud se furtou a obedecer a exigência metateórica de que seus conceitos explicativos (= **explanans**) não pertencessem ao observável, criou dificuldades insuperáveis para sua teoria. Fez isso principalmente no que diz respeito aos conceitos – merecedores da dignidade de **explanans** (= o que explica, não o que é explicado) – de:

- *sexualidade*, em que ele justifica separar essa última das intenções de reprodução mediante argumentos positivistas (**stricto sensu**) como o de que, se reconhecemos a relação anal como sexual, visto não existirem ovários nos

---

<sup>5</sup> O ‘recalque original’ (= *Urverdrängung*), contudo, como logo se verá, merece explicação diversa. Em tempo: onde, na ESB, tem-se ‘repressão’, neste trabalho ter-se-á ‘recalque’.

intestinos, o conceito de sexualidade não pode se vincular ao de reprodução [argh!];

- *narcisismo*, onde o inventor da Psicanálise associa esse – claramente referido a se, dentro do aparelho psíquico, os investimentos pulsionais estão sendo feitos sobre representantes topográficos pertencentes ao eu ou ao outro – ao autoerotismo, comportamento observável perfeitamente compatível tanto com o narcisismo quanto com a relação chamada de objeto<sup>6</sup>
- *sublimação*, processo que, tendo sido arrolado explicitamente como uma das ‘vicissitudes’ das moções pulsionais, nos interessa particularmente aqui e que, portanto, discutiremos em separado.

Os resultados da aplicação desse enfoque paradoxalmente positivista a esses conceitos que se pretendem psicanalíticos são de dois tipos: quanto às teorias da sexualidade e do narcisismo (e a do ‘apoio’, sobre que não nos estenderemos aqui, associada a ambas), elas se tornam um poço de vacilações e contradições. Quanto à da sublimação, seu desenvolvimento é remetido à *jamaiz*: Freud deixou para sempre descumpridas suas promessas de esclarecê-la e ninguém depois dele satisfatoriamente o fez. Como reconhece o *Vocabulário*, “a ausência de uma teoria coerente da sublimação permanece sendo uma das lacunas do pensamento psicanalítico”. Quanto à da sexualidade, a Psicanálise continua à reboco da idéia estupidamente positivista de que, como não há ovários nos intestinos, uma relação anal **nada tem a ver** com a idéia de reprodução. É pobre demais – não? – para uma teoria cujo **explanans** se assenta, não sobre fatos observáveis, mas sobre o conceito de “realidade psíquica”. A Psicanálise não reconheceu a fantasia de que crianças são paridas pelo ânus? Então, por que não reconhecer a fantasia de que as mulheres são emprenhadas por ele? E se a reconhece, como pode afirmar que uma relação anal está “desvinculada dos fins de reprodução”? Ficaria bem para Watson e para Skinner; não fica bem para Freud...

## Representantes e representações

A pulsão penetra no aparelho psíquico, transformando-se em moção pulsional (ou pulsiva), mediante três tipos de representantes:

- Representantes Materiais (chamados por Freud de ‘topográficos’): os traços mnêmicos e as associações que se estabelecem entre eles;
- Representantes Energéticos (desafortunadamente chamados por Freud de ‘econômicos’): a energia pulsional que irá, ou não, ativar (= ‘investir’) ou desativar (= ‘desinvestir’) os representantes materiais da pulsão;

---

<sup>6</sup> Aliás, frouxa e desorientadoramente chamada assim, já que o ‘eu’ também é um objeto para a energia pulsional nele investida.

- Representantes Dinâmicos: essencialmente o ‘desejo pulsional’, resultado do direcionamento dado pelos representantes materiais aos representantes energéticos.<sup>7</sup>

Não existe qualquer fundamento teórico ou empírico para o não-reconhecimento por Freud da existência de resíduos mnêmicos de volições e de afetos. Ao discutirmos as ‘vicissitudes’ das moções pulsionais, estaremos, portanto, supondo que, *toda a experiência humana, seja ela intelectual (imagens exteroceptivas, idéias e pensamentos), afetiva (afetos, sentimentos e emoções) ou volitiva (desejos e vontades), é capaz de deixar resíduos mnêmicos detrás de si.* Assim, em lugar de ‘representação’ (= “*Vorstellung*”) – palavra essencialmente vinculada ao elemento intelectual de nossa experiência – empregar-se-á aqui a palavra ‘representante’ (= *Repräsentanz, Repräsentant*) – capaz de recobrir todos os três grandes registros da “representância”<sup>8</sup>. Expressões clássicas como, por exemplo, ‘representação de coisa’ e ‘representação de palavra’ serão substituídas, dessarte, por expressões como ‘representante de coisa’, ‘representante de palavra’, ou ‘representante verbal’.

Passo, em seguida, a discutir as quatro vicissitudes pulsionais reconhecidas por Freud, ilustrando, logo após, a alegação de que o conceito de vicissitude deveria ser aplicado a todas as alterações sofridas pela pulsão desde o momento em que penetra no aparelho psíquico, assumindo, assim, a natureza de ‘moção pulsional’. Para nossos propósitos, não será necessário nos aprofundarmos numa avaliação das bastante contestáveis classificações freudianas dos instintos.

## O recalque

O desenvolvimento saudável do processo pulsional depende de estar ele subordinado ao que se denominou, em Psicanálise, de ‘processo secundário’. A marca essencial desse processo é o fato de ele permitir que memórias e percepções possam ser conscientizadas, o que, pelo menos para a teoria psicanalítica, equivale à possibilidade de serem verbalmente formuladas como tais, ou seja, percepções como percepções e memórias como memórias. Para que isso ocorra, é necessário haver ‘eutonia’, ou seja, uma quantidade ideal (embora, atualmente, não estejamos em condição de mensurá-la) de investimento energético dos representantes verbais das percepções e das memórias: investimento *de menos* (= hipotonia) implica ilusão ou alucinação negativas ou amnésia; investimento *de mais* (= hipertonia) pode transformar percepção em alucinação e pensamento em delírio.

Dentre as “vicissitudes pulsionais primárias” que implicam “impedimento de um determinado conteúdo penetrar a consciência”, Freud privilegia compreensivelmente o recalque, pois esse mecanismo reina, entre aquelas vicissitudes, como o único a se revelar presente em todas as psiconeuroses, campo que a Psicanálise foi soberana em delimitar,

---

<sup>7</sup> Causa-me particular espanto a afirmação do *Vocabulário* de ser o conceito freudiano de ‘desejo’ ‘por demais fundamental’ [sic] para a teoria para que se lhe possa encontrar apropriada definição!

<sup>8</sup> Esse vocábulo, não dicionarizado, pode ser encontrado, por exemplo, em Garcia-Roza (Garcia-Roza, L. A. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. Rio: Zahar, 2000, vol. 3, p. 248) e será empregado aqui para indicar a capacidade da pulsão de plantar representantes topográficos, energéticos e dinâmicos no aparelho psíquico.

tratar e esclarecer. Entender bem essa ‘vicissitude’ primária das ‘moções pulsionais’ impõe certas exigências, dentre elas, avaliar melhor a diferença, estatuída por Freud, entre ‘recalque original’ e ‘recalque propriamente dito’.

Descritivamente, é fácil marcar tais diferenças: as experiências submetidas ao recalque original nunca tiveram sequer ‘representante topográfico ideativo de coisa’ (a ‘*Sach-ou Dingvorstellung*’ de Freud); as submetidas ao que Freud chama de ‘recalque propriamente dito’, chegaram não só a ter aquele representante como, também, a possuir ‘representante topográfico ideativo de palavra’ (= ‘*Wortvorstellung*’), havendo posteriormente perdido esse último. Postas essas diferenças, resta hipotetizar sobre os mecanismos metapsicológicos a elas subjacentes.

Quanto ao ‘recalque propriamente dito’ – doravante sempre denominado simplesmente ‘recalque’ – a solução proposta por Freud é convincente: um determinado subconjunto do aparelho psíquico – variadamente denominado – pode decidir desinvestimentos e contra-investimentos, ou seja, desinvestir os representantes verbais de A (= pólo de expulsão), podendo acrescentar a esse desinvestimento o ‘contra-investimento’ de B (= investimento de representantes verbais incompatíveis com A; vide o conceito de “formação reativa”), o que reforça os efeitos do desinvestimento aludido.

Quanto ao ‘recalque original’, a solução freudiana convence menos. Antes de tudo, a despeito de todos os descomedimentos técnicos de Rank, a clínica confirma **ad nauseam** sua hipótese de que o núcleo do ‘recalque original’ é o trauma do nascimento<sup>9</sup>. E a razão para que o trauma do nascimento não tenha representante ideativo é neurológica: quando ele ocorre, os tratos nervosos (corticais) que permitem inscrição mnêmica de imagens e idéias (= ‘*Vorstellungen*’) não estão suficientemente mielinizados para permitir tal tipo de inscrição. Mas os tratos nervosos (límbicos) que permitem a inscrição mnêmica de experiências afetivas estão. Ficam, portanto, inscritos em nós, os ‘representantes mnêmicos afetivos (límbicos)’ desse trauma original, sem que haja, por *impossibilidade neurológica*, correspondente inscrição cortical dele. Aqui cabe afirmar que um representante sofreu uma ‘*Vewerfung*’ (se a entendemos no sentido da ‘forclusão’ lacaniana) desse representante cortical: fato neurológico cujos fartos efeitos psicológicos a clínica atesta, mas que só ocorrem porque o correspondente elemento límbico não foi forcluído, operando pirandelicamente no aparelho psíquico como ‘uma personagem a procura de um autor’: p.e., a memória límbica da anóxia perinatal irá procurar representantes imagético-ideativos coerentes com essa anóxia (fobia a ambiente s fechados, por exemplo).

Já que nos ocupamos da ‘*Verdrängung*’ (= recalque) e da ‘*Verwerfung*’ (= forclusão), cabe também dar alguma atenção ao restante mecanismo primário que impede presença de um determinado conteúdo na consciência: a ‘*Verleugnung*’ (= recusa). No pensar de Freud, seria ela a vicissitude pulsional expulsiva tipificadora da psicose<sup>10</sup>. Sua descrição do mecanismo, entretanto, sofre de um mal que, vez ou outra, acossa o pensamento freudiano: um excesso de simplificação que produz classificações truncadas. A hipótese de que o

---

<sup>9</sup> “Supôs ele [= Rank] que a verdadeira fonte da neurose era o ato do nascimento, uma vez que este envolvia a possibilidade de a ‘fixação primeva’ de uma criança à mãe não ser superada, mas persistir como ‘repressão primeva’.” (“*Análise Terminável e Interminável*”. ESB, XXIII, parte I, segundo parágrafo).

<sup>10</sup> GW, XIV, p. 24: „Oder es tritt der Vorgang ein, den ich als *Verleugnung* bezeichnen möchte, der im kindlichen Seelenleben weder selten noch sehr gefährlich zu sein scheint, der aber beim Erwachsenen eine Psychose einleiten würde.“ (ESB, XIX, 314: “Ou, ainda, pode estabelecer-se um processo que eu gostaria de chamar de ‘rejeição’ [= *Verleugnung*], processo que, na vida mental das crianças, não aparece incomum nem muito perigoso, mas em um adulto significaria o começo de uma psicose.”)

bloqueio de percepções (= *Verleugnung*) é um mecanismo psicótico e o de memórias (= *Verdrängung*), neurótico não se sustenta. Com efeito, se estou lendo um texto em que se encontra a palavra 'mãe' e *recuso-me* a percebê-la, lendo 'mão' em vez disso, teríamos aqui uma 'vicissitude pulsional psicótica', porque o mecanismo expulsivo se aplicou sobre uma percepção e, não, sobre uma memória? Óbvio que não. Se, por outro lado, *recalco* a memória de que meu filhinho morreu pouco após haver nascido e embalo em meus braços um boneco como se ele fosse, isso seria uma 'vicissitude neurótica', porque o mecanismo expulsivo se aplicou sobre uma memória e, não, sobre uma percepção? Tampouco. Os critérios com que Freud pretende diferenciar *Verdrängung* de *Verleugnung*, como disse, não se sustentam.

Se pretendermos categorizar de maneira satisfatória as 'vicissitudes pulsionais', deveríamos propor algo assim:

### 1. Vicissitudes primárias de BLOQUEIO DA REPRESENTÂNCIA:

1.1. Neurológicas (não intencionais): *Verwerfung*

1.2. Psicológicas (intencionais):

1.2.1. Recalque (bloqueio da representância mnêmica)

1.2.1.1. Neurótico

1.2.1.2. Psicótico

1.2.2. Recusa (bloqueio da representância perceptual)

1.2.2.1. Neurótica

1.2.2.2. Psicótica.

### 2. Vicissitudes primárias de RETORNO DISTORCIDO DA REPRESENTÂNCIA:

2.1. Deslocamento

2.2. Transformação em seu contrário

2.3. Retorno sobre a própria pessoa

2.4. Sublimação

2.5. Projeção

2.6. Formação reativa

2.7. Conversão

2.8. Neutralização<sup>11</sup>

2.9. etc.

### 3. Vicissitudes secundárias da representância;

3.1. Expressão verbal não distorcida da experiência.

---

<sup>11</sup> Mecanismo que leva um sujeito a atenuar a intensidade de uma experiência – p.e., a de rejeição – vivendo-a num contexto em que sua ocorrência é extremamente improvável – p.e., na relação com uma pessoa que a ama. O conceito é de minha lavra.

Posto isso, abordemos as três restantes operações mentais privilegiadas por Freud com a denominação de 'vicissitudes', fazendo-se, para finalizar, um sintético comentário sobre o fato de que muitos outros processos mentais mereceriam igual rotulação .

### **A transformação em seu contrário**

Frente ao já exposto, torna-se fácil compreender essa 'vicissitude'. Quando o aparelho psíquico considera 'inverbalizável' a seguinte sentença –

'Eu odeio fulano'

– pode, por exemplo, optar por desinvestir o representante verbal 'odeio' ( = recalculado) e empregar a energia liberada por esse desinvestimento para investir o representante que o contradiz (= contra-investimento), transformando aquele conjunto em

'Eu amo fulano'

Essa é a vicissitude subjacente ao que se convencionou chamar, em Psicanálise, de '*formação reativa*', ilustrativa do processo mais geral de '*transformação em seu contrário*'.

### **O retorno sobre a própria pessoa**

Atenhamo-nos ao mesmo exemplo: aquele em que o aparelho psíquico considera 'inverbalizável' a sentença 'eu odeio fulano'. Há, naturalmente, outras opções para impedir essa verbalização. A que ora se encontra sob análise prefere desinvestir o representante 'fulano' e investir a energia liberada no representante 'me' (= contra-investimento), transformando o conjunto verbal 'inconciliável' em

'Eu me odeio'

É evidente – embora Freud não se tenha dado ao trabalho de fazê-lo – que basta nos dispormos a usar um pouco de imaginação para reconhecer a existência de outras vicissitudes pulsionais cuja essência metapsicológica é a mesma. Por exemplo, se em vez de optar por desinvestir 'odeio' e investir 'amo', ou por desinvestir 'fulano' e investir 'me', a opção for desinvestir 'eu' e investir 'beltrano', terei, em lugar de 'eu odeio fulano', 'beltrano odeia fulano', mecanismo sacralizado na literatura psicanalítica sob o nome de 'projeção', não havendo razão teórica ou empírica para que não seja arrolado entre tais vicissitudes. E, assim, **ad nauseam** ...

## Sublimação

Relembremos o que afirma o *Vocabulário*: “a ausência de uma teoria coerente da sublimação permanece sendo uma das lacunas do pensamento psicanalítico”. Na verdade, a causa da teimosa sobrevivência de tal lacuna é espantosamente simples: insistir, dentro de um referencial teórico psicanalítico, em entender a sublimação como uma vicissitude *necessariamente saudável* das mocões pulsionais é inviabilizar qualquer teorização satisfatória sobre o que seja sublimação. E, lamentavelmente, não apenas Freud, mas também os que o seguiram, têm insistido nisso. Explico-me:

Digamos que o sujeito A, em virtude de significativo déficit nutritivo em seu organismo, sinta fome e, conseqüentemente, meta-se a comer, visto que a necessidade de alimentar-se gerou em seu soma um processo energético que, adentrado em seu aparelho psíquico e ali transformado em moção pulsional, sofreu ‘vicissitudes’ de tal ordem que lhe permitiram representar conscientemente a sensação de fome e, frente a circunstâncias externas favoráveis, levou-o a ingerir dois sanduíches de atum e um suco de laranja, nutrientes necessários e suficientes para eliminar o déficit nutritivo em pauta.

Digamos também que o sujeito B, em virtude de recentes comportamentos de sua mulher, tenha tido nele ativados representantes de coisa relativos à idéia de agredi-la, mas que os representantes verbais correspondentes àqueles tenham tido seu acesso bloqueado (= recalque) e a energia que deveria investi-los foi deslocada para representantes ônticos (= de coisa) e verbais de fome, levando-o, frente a circunstâncias externas que o permitiram, a ingerir dois sanduíches de atum e um suco de laranja, a despeito de ele não estar sob déficit nutritivo nenhum.

Digamos, além disso, que A e B estivessem fazendo suas refeições a um mesmo tempo, em um mesmo lugar, e que também, por boas ou más razões, também ali estivessem um psicanalista, Mr. X, e um aplicado estudante de Psicologia que perguntasse a esse último o que poderia afirmar quanto à sanidade ou morbidez do comportamento de A e de B. Fosse Mr. X de fato coerente com os pressupostos da Psicanálise, diria que não tinha a menor condição de responder a tal pergunta, porque, para sua escola de pensamento psicológico, o que determina a sanidade ou não de um comportamento não é o comportamento observável, mas, sim, os mecanismos ocultos que o determinam, mecanismos inacessáveis sob aquelas condições.

As considerações acima nos levam às seguintes questões, que podem lançar luz sobre o escorregadio conceito de sublimação:

(1) a produção de uma obra de arte é, sempre, o substituto de uma atividade pulsional impedida de ocorrer de forma mais concreta? e

(2) quando essa produção é derivada de um tal bloqueio

(a) é sempre saudável; ou, por vezes,

(b) pode ser um mero sintoma, independentemente de sua valorização social?

A clínica não sugere que a produção de obras de arte ou de outros bens que não suprem, de maneira direta, necessidades corporais concretas como a nutrição ou a reprodução sejam obrigatoriamente fruto de sublimação, seja, de um desvio dessas

atividades concretas para outras que servem menos diretamente ao corpo. Artistas perfeitamente capazes de comer e copular e satisfeitos nesses dois quesitos, levantam-se da cama e da mesa e vão produzir arte, indicando que esse tipo de atividade também tem raízes autônomas, não sendo necessariamente gerado por desvios sublimatórios. Mas, digamos que uma determinada obra de arte tenha sido fruto de um tal desvio: seria ele sempre, como aparentemente ficou assentado na literatura psicanalítica, de natureza saudável? A resposta a essa pergunta depende de resposta dada a uma outra: o desvio sublimatório é consequência, ou não, de um recalque? Para efeito argumentativo, consideremos os dois seguintes exemplos:

**O primeiro** – Chopin, certa vez, logo após haver composto uma sonata, escreveu uma carta a sua amante, George Sand, em que afirma meter-se regularmente a compor, quando, por estarem longe um do outro, não pode entregar-se a fazer amor com ela. E completa: ‘O mundo não sabe quanta música lhe fazem perder nossos encontros.’

**O segundo** – Digamos que, tendo sido ativada a pulsão sexual de um outro sujeito, a moção pulsional correspondente enfrente vicissitudes que não lhe permitam investir com sua energia os representantes topográficos verbais respectivos, mas que tal sujeito, também capaz de sublimação, impedido de pensar sobre o quanto gostaria de estar fazendo amor (= recalque), permitissem ou não as circunstâncias fazê-lo, meta-se a compor sonata.

Se pretendermos ser coerentes com os pressupostos metateóricos da Psicanálise – e, se queremos nos manter dentro dos parâmetros que caracterizam o conhecimento científico, é bom que o façamos – cumpre reconhecer que, sejam quais forem as qualidades das músicas produzidas, a sublimação, no caso de Chopin, é uma vicissitude pulsional saudável, pois não é um mecanismo de retorno secundário a um recalque, enquanto, no segundo caso, é uma vicissitude pulsional de caráter mórbido, pois corresponde exatamente a esse tipo de retorno.

### **Outras vicissitudes das moções pulsionais**

O que nos precedeu até aqui terá provavelmente deixado claro que há tanto sentido denominar ‘vicissitude pulsional’ à transformação de ‘eu odeio fulano’ em ‘eu amo fulano’ (= transformação em seu contrário), quanto à transformação de ‘eu odeio fulano’ em ‘beltrano odeia fulano’ (= projeção) ou em ‘fulano me odeia’, ou em ‘beltrano ama fulano’ ou em ‘beltrano me ama’ etc., o que torna a restrição do número de vicissitudes pulsionais a apenas quatro um bom exemplo – dessa vez patrocinado pelo próprio Freud – de deficiente praticidade teórica.

Rio de Janeiro, 16 de maio de 2004.

## O sentimento de impotência

**Sheiva Rocha**

“Passou a vida procurando o ser ideal que imaginou e nunca o encontrando no mundo, repousa, repousa, repousa dentro de cada um de nós.”

Jorge de Lima

Estamos aqui reunidos para falar sobre Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade, e especialmente, nessa mesa sobre o sentimento de impotência.

Penso que esta questão pode ser encaminhada por dois vieses diferentes.

O primeiro aquele que diz respeito ao gênero masculino. Assim, a impotência psíquica é definida por Freud,(1) como: "esta singular perturbação que atinge homens de natureza intensamente libidinosa e se manifesta como uma recusa dos órgãos executores da sexualidade de levar a cabo o ato sexual....conquanto apresentem forte propensão psíquica a realiza-lo".

Em Freud e na maioria da bibliografia encontrada a impotência sexual seria apenas masculina, talvez, por ter ficado localizada no homem a questão do poder e por isso mesmo, também o não-poder, a impotência. Esse fictício poder, coloca o homem como o único impotente.

O outro viés, mais atual, esquece os gêneros e procura abordar o ser humano e o seu desamparo. Prefiro me ater ao segundo, o do desamparo do ser humano.

A ciência impôs à humanidade, como todos sabemos, três grandes decepções. Com Copérnico, o homem descobre que não é o centro do universo, Com Darwin descobre que não tem uma origem mais nobre que o resto dos animais e com Freud descobre o inconsciente, que deixa o homem sem o controle de si mesmo.

No início da década de trinta do século passado a Europa foi varrida por uma onda de intolerância, segregação e violência, que culminaram na segunda guerra mundial.

Neste ambiente, em 1930 ,Freud (2) escrevia que eram três as principais fontes do sofrimento humano: a Natureza com sua força indomável; as vicissitudes do corpo em sua marcha inexorável em direção à auto-dissolução e a relação entre os homens que os condenava às exigências sociais e renúncias pulsionais muito além das possibilidades de seu acanhado espírito.

Mais de setenta anos se passaram e um novo mundo foi construído. Foram muitas as conquistas da ciência e intensos os impactos tecnológicos. Entretanto, há algo de velho neste novo mundo: nosso sofrimento permanece atrelado às suas antigas fontes.

Com certeza nossa capacidade de extrair riquezas da natureza expandiu-se muito além do que se poderia imaginar levando a colocar em risco o eco-sistema e ao mesmo tempo em que dá testemunho, de tal expansão, confirma a importância do meio ambiente para a sobrevivência da espécie humana. Sem sombra de dúvidas, proporcionamos hoje mais saúde ao nosso corpo, sem, contudo evitarmos a inexorabilidade de nossa finitude. Apenas adiamos um pouco o desfecho trágico de nossa existência e ficamos muito gratos à ciência por cada dia a mais de esperança, ou ilusão.

Somos gratos a ela por acenar com uma possível nova utopia que seja capaz de diminuir o profundo ressentimento da perda das anteriores. Nossas fantasias de onipotência,

vindas de tempos imemoriais, com certeza, encontram um grande abrigo nos progressos da biotecnologia.

A imortalidade, perfeição sempre tão almejada, deixou para nós ocidentais de ser assunto religioso para se tornar matéria de pesquisa.

Nossa crença no progresso da ciência nos faz apostar ilusoriamente na vitória sobre as imperfeições, carências, sofrimentos e até sobre a morte.

Entretanto desde os anos 70, aumenta o ceticismo face às promessas da ciência e conseqüentemente há uma retomada marcante da religiosidade. Contrariamente ao que Freud em 1927 escreve (3), a religião vem se tornando uma ilusão cada vez mais presente.

A falência dos valores e utopias do Iluminismo certamente abriu mais uma vez a ferida do mal-estar social.

Quais os sintomas dessa falência? A entrada em cena do tempo no séc.XIX perturbando a serenidade do Universal e do Absoluto; a crise da representação; a crise do fundamento, daquilo que assegurava a possibilidade de referir todo o Real.

A voragem do tempo que vivemos provoca uma destruição do passado como elemento de vínculo social com as gerações anteriores e tornou-se uma característica marcante do século passado.(4)

Perdem-se os elos geracionais e o jovem vive um presente fugaz e contínuo que ameaça a construção da própria identidade. Essa presentificação atordoante é causa de profunda angústia, resultando uma homogeneização das subjetividades e silenciamento da singularidade.

A difusão do consumo massivo de drogas, inclusive psicofármacos, para a obtenção de um prazer imediato, invade o homem com promessas de bem estar e felicidade. (5) O importante é estar bem a qualquer custo. Os padrões de consumo se apresentam como sinônimo de cidadania. Não se fala mais no cidadão e sim no consumidor; assim, não há um órgão de defesa do cidadão, mas sim do consumidor.

A ditadura do universo virtual onde até a vida sexual é mediada por uma máquina leva o ser humano a ter uma vida cada vez mais segregada, longe das trocas sociais que o enriqueceriam muito mais e dariam a ele muito mais segurança existencial.

Essas profundas transformações que a sociedade está vivendo repercutem de maneira indelével na forma de agir dos indivíduos e mesmos da sociedade ou grupos sociais

O predomínio do individualismo traz consigo uma carga de exigências que está muito acima de suas capacidades humanas. Isto se torna patente na dificuldade imensa que hoje existe para que famílias se mantenham unidas por muito tempo. A fragmentação do espaço social, a fragilidade da figura paterna e da própria família, hoje predominantemente uma família multi-nuclear, traz para seus componentes obrigações frequentemente insuportáveis.

A liberdade de pensamento, de escolha e opinião é não só uma conquista, como traz em si uma cobrança frequentemente difícil de ser paga. Cada qual é responsável por si, assume a tarefa de construir-se e encontrar um sentido para a própria existência.

Para Pascal Brucker, (6) “o indivíduo livre da arbitrariedade dos poderes por uma série de direitos que garantem a sua individualidade, sofre, entretanto, com a autorização de ser o seu próprio amo, apresentando uma fragilidade constante. Ganha a liberdade, porém perde a segurança.”

É preciso deixar claro, que no passado, as ilusões religiosas, os preconceitos e os costumes exerceram uma função social importantíssima ao “proteger” contra o azar, o imprevisto e principalmente do medo da morte. Isso permitia um reconhecimento social e uma responsabilidade limitada. Além disso, a transcendência, a relação com a divindade fornecia não só segurança como também parâmetros reguladores da própria identidade. É ao conjunto dessa falência generalizada que Nietzsche deu o nome : a morte de Deus .É o

embargo de toda a marca de transcendência .Foi de transcendência (movimento de dirigir-se ao Outro ,além ) fez repousar todos os jogos de identidade e diferença sem os quais sequer saberíamos entender a palavra ocidente.

Podemos pensar também que a derrocada das ilusões religiosas, o ceticismo frente aos avanços da ciência e o questionamento da própria deusa Razão, foi o solo propício para a emergência, com toda força, da economia de mercado.

Isso foi substituído no mundo globalizado pela tecnologia e pelo império da economia, um mundo que tem pouco a ver com as necessidades mais humanas dos humanos. Mesmo com a globalização mais acelerada há uma incapacidade conjunta das instituições e do comportamento coletivos de se adaptarem. Logo estamos cada vez mais sozinhos e escravos da liberdade.

Mas é na relação com o outro – terceira causa de sofrimento humano apontada por Freud, que os nossos passos tenham sido talvez mais tímidos. Parece mesmo que não temos caminhado na direção do outro, isto é, ao encontro do outro.

Como já referimos anteriormente a relação com o outro e outros é marcada por um mal-estar insolúvel, pois a entrada do sujeito na cultura é sempre permeada pelo conflito e causa de mal-estar.

Segundo Birman,( 8) a partir de,“ Além do princípio do prazer” Freud, ao conceituar a pulsão de morte, dá uma virada metapsicológica que transforma a palavra desamparo em conceito ou seja o conceito de desamparo.

Introduz o desamparo como estruturante do ser humano constituindo assim uma descontinuidade no discurso Freudiano,que inscreve a partir de então, a problemática do Outro .

Para Freud (9) em seus textos iniciais, a vida era um bem insofismável, sendo a morte a perda desse bem originário.

A vida era o oposto da morte e a morte tinha uma relação de exterioridade em relação a ela. A partir de 1920, (9) há um entrelaçamento entre a vida e a morte, entre a ordem e a desordem em que o princípio de constância se transforma em princípio de nirvana que apresenta uma tendência ao inanimado.

O organismo humano, viria ao mundo incapacitado e prematuro para a vida,correlato da propensão primária para a descarga absoluta. Ele próprio, não daria conta de lidar com suas excitações gerando um excesso, excesso esse, que sairia como descarga e esta seria erogeneizada pelo Outro para retornar para o interior do organismo e com isso haver a fixação da ordem vital. Um desenvolvimento do que ele chama no Projeto de ação específica.

Segundo Birman é pela exterioridade que a interioridade seria constituída como ordem sexual transformando as descargas mortíferas,através desse agenciador que é o Outro em pulsão sexual,constituindo com isso o corpo erógeno.

A vida teria de se opor constantemente à atração do inanimado. Seria o Outro como ordem que inscreveria o infante marcado pela desordem no registro da vida. Fica assim a marca insuperável da dependência do outro, Essa mediação do Outro, marcará uma dependência da qual jamais se libertará. Aquilo que se chama a dívida simbólica.

Conclusão:

A ilusão de alcançar um ideal que buscou a partir de uma liberdade que lhe é oferecida e exigida coloca o homem frente ao sentimento profundo de insuficiência e

impotência. Esse homem aprisionado às exigências de um ideal que o alimenta e ao mesmo tempo o atormenta, vive o conflito entre aquilo que deseja e aquilo de que é capaz.

Segundo Freud, a distancia entre o ideal do eu e o eu ideal resulta em uma dificuldade para a constituição do narcisismo.

Na pós-modernidade, segundo alguns autores houve um deslocamento das histerias do tempo de Freud, para as depressões e neuroses narcísicas atuais.

Vivemos numa época complexa e cheia de paradoxos, onde uma tecnologia avançada nos faz sentir em um primeiro momento grandiosos e onipotentes para logo a seguir nos tornarmos pequenos e impotentes.

Ficamos assim sob o domínio do vazio e da impotência. Se tudo é possível, a impossibilidade é uma possibilidade. Logo vivemos à beira da tragédia da insuficiência. A insuficiência que acompanha o desamparo é pois constitutiva de nossa condição humana e vai presentificar-se na falta estrutural que marca a nossa condição de falantes.

Com a ética do mercado nos deslocamos da questão do proibido /permitido para o possível /impossível. Região regulada pelo capital.

Como nos diz Bauman,(10) passamos o tempo tentando resolver os problemas deixados pelas últimas tentativas de resolve-los. Tentamos trancar o estábulo quando o cavalo já fugiu.

Há uma impotência enorme em lidar com a própria impotência de se lidar com a impotência. A angustia do real invade a nossa existência.

Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esqueceram, tornam-se mais importantes do que nunca no fim do segundo milênio ao nos lembrar da nossa historia social que é fundamental no entendimento da historia pessoal que tentamos reconstruir no consultório.

----

#### Bibliografia :

- 1-Freud,S – Tendência universal para a depreciação na esfera do amor. In Obras completas de Freud –Vol. XI,
- 2-Freud,S – O mal estar na civilização. In Obras completas de Freud –Vol. XXI
- 3-Freud,S –Futuro de uma ilusão. In Obras completas de Freud- Vol XXI
- 4-Peres,U.T- trabalho -“O desamparo do homem contemporâneo.”
- 5-Birman,J– Estilo e modernidade em psicanálise.-São Paulo –Ed 34
- 6-Brucker,P – A tentação da inocência.
- 7-Birman,J- trabalho- “Sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano.”
- 8-Freud,S- Projeto de umapsicologia científica. In Obras completas de Freud-Vol.
- 9-Freud,S-Além do Princípio do Prazer. In Obras completas de Freud- Vol
- 10-Bauman,Z-entrevista no jornal O Globo -2005
- 11-Vilhena,J & Medeiros,S (2002) Mídia e perversão,In Ciência Hoje. Vol 31,n 183 ,R.J ,SBPC .pp28-31